

A POÉTICA DO SUICÍDIO EM SYLVIA PLATH

Ana Cecília Carvalho*

RESUMO:

Para questionar se haveria ou não uma função supostamente terapêutica na escrita literária e propor a idéia de uma "toxidez" na escrita, este artigo examina a presença e os efeitos de elementos destrutivos no que é descrito aqui como uma "poética do suicídio" na literatura de Sylvia Plath.

PALAVRAS-CHAVE: *literatura, psicanálise, escrita, suicídio, Sylvia Plath.*

No livro *Escrever*, um de seus últimos textos, Marguerite Duras refletiu que o escritor é "uma contradição absurda, pois escrever é também não falar. É se calar". Para a autora francesa, escrever era "uma forma de pensar, de raciocinar", sendo a escrita o que "permite ao escritor dizer para si mesmo que não é preciso se matar todos os dias, visto que é possível se matar a qualquer dia". Se acatarmos sua ponderação, não estaremos longe de formular a idéia de que existe algo no trabalho de criação que coloca o escritor diante de uma escolha terrível: escrever ou morrer – possibilidade surpreendente, pois indicadora da presença de forças destrutivas no centro do processo de criação. Nosso assombro diante dela torna-se maior quando nos defrontamos com a escrita de alguém que, diferentemente de Marguerite Duras – mas em meio a uma intensa produção criativa, justo no momento em que parecia ter encontrado sua identidade literária –, decidiu interromper a vida com um suicídio, encerrando, assim, a escrita.

É o caso de Sylvia Plath, escritora americana que se asfixiou com gás em fevereiro de 1963, aos 30 anos, em Londres, onde morava. Com sua morte (ao lado de Virginia Woolf, que se matou por afogamento em 1941, e Florbela Espanca, poeta portuguesa morta por ingestão de barbitúricos em 1930), Plath passou a ser incluída em um cânone sinistro de escritoras suicidas, segundo o qual criatividade e auto-

* Doutora em Literatura Comparada, 1998.

extermínio estão associados de modo enigmático. Ao longo do século 20, esse "cânone" não parou de crescer, também fazendo parte dele Anne Sexton, poeta americana que se suicidou em 1974, Ana Cristina Cesar, escritora brasileira que se matou em 1983, e Marta Lynch, romancista argentina que se suicidou em 1985. Recentemente, em 1996, Isabel Marie, psicanalista e escritora nascida na Espanha e radicada na França, enforcou-se pouco tempo depois de seu romance *La Bonne (A criada)* ter sido indicado para a prestigiosa lista dos prêmios Goncourt, Femina e Medcis.

Um dos perigos diante do parentesco estabelecido entre essas autoras por causa de seus suicídios é nos apressarmos em concluir que o fato de todas terem tido o mesmo destino trágico faria com que fossem apagadas as diferenças existentes entre seus textos, e algo como um perfil da autora suicida fosse traçado. Ainda que isso fosse feito, parece óbvio que as vozes, temas, formas e filiações assim comparadas seriam muito diversas, o que sem dúvida apenas evidenciaria a singularidade de cada uma em seus projetos literários. Acredito que isso não ajudaria a recolocar a questão do suicídio e sua relação com a escrita, pois, se essa associação existe, nada nos autoriza a ligá-la extensivamente a todo o universo das escritoras suicidas. Mas talvez não fosse equivocado pensar que, resguardada a diversidade dos contextos, seus suicídios apontam para uma dimensão subjetiva que perdura e atravessa épocas, diferenças culturais e histórias individuais. Essa dimensão é que permite levantar questões sobre o tipo de envolvimento talvez existente entre a escrita e o suicídio.

O caminho que me parece mais profícuo é aquele que persegue, dentro do projeto literário de apenas uma delas (no caso, Sylvia Plath, por razões que apresentarei mais adiante), aqueles elementos que testemunham, em sua concretude, as marcas das forças destrutivas que fizeram uma determinada autora calar-se repentinamente. Esses traços é que exigem do leitor crítico um posicionamento, caso ele se anime a prosseguir em sua análise das autoras suicidas da contemporaneidade. Não obstante, qualquer abordagem que se faça ao texto de alguém que, como Sylvia Plath, matou-se em plena produção literária, dificilmente poderá evitar um curioso efeito de leitura: a impossível dissociação entre o fantasma da biografia da escritora (cujo suicídio funciona como uma presença irremovível) e a construção do texto. Produz-se, assim, algo como se a sombra do suicídio da autora tivesse caído

sobre o texto, de maneira que o leitor se vê à procura dos anúncios desse destino trágico em meio às linhas que lê, campo onde estariam inscritas as pegadas que, se seguidas, poderiam lhe mostrar o caminho que levou a escritora ao auto-extermínio.

Talvez não sem razão proliferaram durante algum tempo leituras que, em nome da psicanálise, utilizavam o texto para compor um diagnóstico da personalidade do autor suicida. O equívoco desse tipo de leitura está em ver o texto como uma espécie de teste projetivo da mente supostamente doentia do autor, já que privilegia apenas o aspecto não-literário (o suicídio) e lê o texto através dele. Assim sendo, acaba por negligenciar todos os outros aspectos que compõem o complexo da construção textual. Por outro lado, tentando escapar à fascinação paralisante que a escrita do autor suicida desperta, algumas leituras se voltaram para uma análise puramente formal, ignorando a importância de um elemento como o suicídio e seus antecedentes biográficos. Daí resultou uma leitura desvitalizada do texto, como se fosse possível ignorar a densidade afetiva que mobilizou a escrita e o sofrimento emocional que antecedeu o suicídio.

Pode-se, porém, evitar essas dificuldades aparentemente insuperáveis recorrendo à mediação daquelas teorias que, privilegiando a enunciação, impedem o mergulho do leitor no imaginário especular do texto. É importante, porém, que esse instrumental teórico não deixe de lado aspectos que ilustram de modo emblemático a imbricação entre a vida do autor suicida e sua obra, uma vez que o suicídio parece colocar em questão, a um só tempo, a função, os limites e a eficácia da escrita, e a existência de aspectos destrutivos na criação literária. A questão é ver de que maneira vida e morte aparecem em uma escrita que, não deixando de ser autobiográfica, revela o elemento biográfico como anteparo e fonte, ao mesmo tempo em que testemunha a constante transformação ocorrida na escrita em razão desse mesmo elemento.

Nesse sentido, sob a luz das noções freudianas que privilegiam a idéia do conflito psíquico e seus destinos, a escrita de Sylvia Plath parece exemplar, não apenas porque seu aspecto autobiográfico aponta para a indissociação entre vida, morte e obra, como também pela constante preocupação ali revelada a respeito da função e dos limites da escrita. Por mais de uma vez, Plath escreveu sobre a faceta "terapêutica" da escrita. Deixou registrada, por exemplo, a convicção de que a

escrita funcionava para ela como alimento, algo tão essencial que a fazia sentir-se plenamente realizada. Refletiu, ainda, sobre a reordenação e restauração do mundo por via da escrita, e seus diários estão repletos de passagens nas quais deixa claro que considerava sua vida um texto que podia ser sempre reinventado e reescrito. Em uma afirmação na qual pareceu reposicionar-se diante dos pressupostos elementares do *New Criticism*, disse acreditar que o escritor deveria fazer uso de suas mais sofridas experiências, como a loucura e a tortura, mas que deveria transformá-las em texto com uma mente lúcida que desse forma a essas experiências.¹ Contudo, no poema "Kindness", escrito dez dias antes de morrer, diria também que "o jato de sangue é poesia,/ Não há nada que o detenha" (*The blood jet is poetry,/ There is no stopping it*).

Se é fato que o suicídio do escritor parece colocar em questão a função da escrita, ao amarrar em um nó indissociável a experiência vivida, a morte e a criação textual, é preciso reconhecer que existem limites no trabalho de transformação operado entre os vários registros de captação de uma experiência. É também por essa razão que a obra de Sylvia Plath presta-se a esse tipo de exame. Seu projeto literário incursionou pelos mais variados gêneros, dos diários à correspondência, do poema ao romance, do conto ao texto teatral e ao ensaio, em uma intertextualidade que problematiza de modo notável uma escrita do *eu* essencialmente ficcional que, reinventando-se, desestabiliza toda e qualquer referencialidade. Nessa escrita perfila-se um limite que, ora ela busca ultrapassar, ora busca reencontrar. Esse limite aponta, de um lado, para a necessidade de reordenar, restaurar e reinventar o seu mundo interno ameaçado por um sentido que sempre escapa. Disso provêm as inúmeras possibilidades tradutivas e de representação simbólica que tornaram sua escrita possível. De outro lado, esse limite indica, também, que, ao escrever, Sylvia Plath estava disposta a enfrentar a resistência que toda experiência interna oferece à significação. O impasse, aqui, sugere um embate insolúvel entre o impulso para dizer e o silêncio que parece existir no interior da linguagem, silêncio indicador da presença da morte. Esse aspecto ressalta a disposição afetiva que anima sua escrita, destacando-se nela um discurso da melancolia, embora não seja legítimo utilizar essa escrita para diagnosticar a autora como melancólica. Estou convicta de que seu texto buscava reconstruir não uma história verídica, mas uma organização

fantasmática. Não se pode perder de vista que, embora a melancolia – que em Plath se tornou escrita – esteja apoiada sobre as bordas de um vazio que é central na linguagem, em seus textos isso surge associado especificamente a certos significantes que deslizam para evocar a ressonância de perdas pessoais reais ou imaginadas. Retomarei esse aspecto mais adiante.

O elemento que articula psicanálise e literatura para uma leitura crítica da obra de Plath é, pois, a finalidade da escrita em sua dupla face de escrita terminável e escrita interminável. Nesse sentido, os operadores teóricos do recalçamento e da pulsão são úteis, pois tornam possível que se examine o caráter terminável da escrita em sua relação com o recalçamento, assim como sua faceta interminável, que aponta para a iminência do transbordamento pulsional. No caso de Plath, seus textos exibem o conflito entre forças construtivas e destrutivas operando na cena da criação literária, mas tudo ali caminha para uma situação na qual se presente uma espécie de "toxidez" na escrita, aspecto que aponta para a perda da função defensiva da escrita. Isso é o que permite o redimensionamento do conceito de sublimação, tão caro a uma certa tradição psicanalítica que insiste em vê-lo como aquele que descreve o "caminho feliz" para o sofrimento psíquico. Não me estenderei para retomar os desdobramentos que o conceito de sublimação sofreu na teoria psicanalítica, pois isto me distanciaria dos objetivos deste artigo. Direi apenas que a obra da autora americana permite discordar dessa opinião clássica, uma vez que sua escrita e seu destino trágico descrevem um movimento contrário: em seus textos, além de não existirem limites rígidos entre a vida e a escrita, a autodestruição e o fracasso da sublimação se insinuam como possibilidades inevitáveis.

É essa destrutividade que assoma no esforço literário da autora. Seus ecos transparecem na enunciação de sua poética e, fazendo coro com o destino trágico da autora, apontam para a predominância das forças que, mobilizadoras da escrita, são as mesmas que a levaram a renovar interminavelmente a dor. Sua poesia, alternando-se em uma escrita sem fim, que denomino "escrita de excesso" (pulsional), e uma escrita com fim, "escrita de contenção" (referida ao recalque), mostra a maior e também a menor das distâncias das ligações efetuadas sob o regime da sublimação. Suspeitando que o "dilúvio" não poderia ser inteiramente contido pelo "polegar" da

palavra (1992:188), Plath ousou, no entanto, aproximar-se dele. Mais do que isso, procurou fazer com que o fluxo da palavra jorrasse com a mesma intensidade da hemorragia interna. Nesse empreendimento, a palavra não é buscada para curar. Colocada à altura – ou nas profundezas, *full fathom five* (título de um de seus poemas) – da dor, a palavra só pode reativar a ferida.

O conflito que se enuncia nessa poética está ligado à instalação das forças defensivas que são mobilizadas diante da ameaça de transbordamento dos elementos pulsionais que agem em silêncio, no sentido do desligamento e da não-representação: essas são as forças destrutivas da pulsão de morte. Assim, é na superfície mesma da "espuma" dos significantes que aludem à dureza, à fixidez e à contenção, junto com significantes que remetem ao fluxo e à dissolução presentes na enunciação, que esse conflito se exhibe na escrita de Sylvia Plath, mostrando nela uma evidente singularidade. Sempre que a contenção sugerida pelas formas poéticas e linguageiras mais rígidas se opõe à dispersão e fragmentação da impostura da língua, essa escrita revela não apenas a ambivalência – o que me permite suspeitar da fonte melancólica de onde essa escrita se originava –, mas também, nessa melancolia, sua especificidade.

Ora, em seu interior, a melancolia não diz outra coisa a não ser da falta, mas uma falta cuja dimensão de perda radical arrasta o *eu* nas profundezas da hemorragia interna da desvalia e da inutilidade. Essa é a falta nascida da deficiência do outro, de seu desmoronamento. Sua falta, da qual o *eu* não conhece a origem, é, em suma, uma falência do Ideal e da sua função primordial de anteparo. Na melancolia, disse Freud (1915: 277), o *eu* não sabe o que foi perdido na perda: "Suas formas" sofreram "algum dano estranho" (*your form suffers/Some strange injury*), mas "o velho mito das origens" é "inimaginável" (*The old myth of origins/Unimaginable*), diz o sujeito da enunciação em "Full fathom five", escrito em 1958, revelando com isso a dimensão inconsciente dessa perda. A "língua obscena" (*The language obscene*) da qual se fala no poema "Daddy", de outubro de 1962, já soava em "The colossus", escrito em 1959, como "zurros" (*mule-bray*), "grunhidos" (*pig-grunt*) e "cacarejos indecentes" (*bawdy cackles*): "Oráculo da morte" (*oracle, Mouthpiece of the dead*), o outro ainda mobiliza o *eu*, que se coloca diante dele disposto, em seu esforço tradutivo, a reparar o estrago irremediável.

Segundo Lacan (1995: 279-280), esse estrago é vivido pelo sujeito, na melancolia, como se fosse um suicídio do objeto. Essa noção é essencial, sobretudo quando o dado biográfico se sobrepõe, ligado aos acontecimentos que antecederam a morte do pai de Sylvia Plath quando a autora era ainda criança: tendo se recusado a consultar os médicos quando as crises do diabetes começaram a se manifestar, Otto Plath só buscou ajuda médica quando a doença já tinha atingido um ponto irreversível. Em seus diários, a autora interpretou freqüentemente a morte do pai como uma espécie de suicídio (Plath, 1992: 265-284). Vem desse ponto o lampejo dos arranjos sublimatórios que tremulam em meio à sombra do objeto que caiu sobre o *eu*. Daí se origina o paradoxal esforço literário da escrita da melancolia. "Nunca conseguirei juntar-te todo,/Composto, colado e devidamente ajuntado" (*I shall never get you put together entirely,/Pieced, glued, and properly jointed*), é o que lemos no poema "The colossus".

O reino dessa escrita, porém, não é o do narcisismo cintilante de vida que adorna a existência com ilusões fugazes, ainda que necessárias. Seu reino é o das sombras, narcisismo de morte tributário da radicalidade da castração. O véu que essa escrita tece é esgarçado, *cloak of holes* para melhor deixar transparecer, sem disfarces, o que não pode ser metaforizado, elevado, sublimado.² Paradoxal sublimação, que exhibe no texto a decrepitude daquilo que só se deixa restaurar pela desmetaforização: "Seria preciso mais que o lance de um relâmpago/Para criar uma ruína assim" (*It would take more than a lightning-stroke/To create such a ruin*), diz o sujeito da enunciação em "The colossus". Em "Conversation among the ruins", de 1956, essa era uma ruína que nenhuma "cerimônia de palavras" conseguiria "remendar": *What ceremony of words can patch the havoc?* – é o que, ali, se pergunta. A movimentação metonímica dessa poética funciona, portanto, não para acentuar ou para lamentar a desilusão com as metáforas, o que em si já seria uma substituição, mas para espelhar, da maneira mais próxima possível, o esvaziamento dos sentidos, o fracasso da representação, a irrupção daquilo que Lacan denomina o Real.

Ao revelar a precariedade das forças internas defensivas e organizadoras que, durante uma década, sustentaram a vida e a escrita, o suicídio da autora coincide com a desmetaforização da linguagem, ocorrida de "Poem for a birthday" até

"Words" e "Edge", os dois últimos escritos poucos dias antes de sua morte. Esse aspecto, cuja ressonância afetiva infernal se pode perfeitamente imaginar, é o que me permite ver, no gesto de auto-extermínio de Plath, um esforço de contenção daquilo que, irrompendo em sua destrutividade, terminou por efetuar, na morte, uma derradeira representação. Se existe, portanto, algo na escrita de Plath que aponta para uma "poética do suicídio", relaciona-se a dois movimentos distintos. O primeiro é caracterizado por um esforço de metaforização que, não estando de todo ausente em sua poesia, predomina sobretudo em sua escrita ficcional, diarística e epistolar. O segundo, metonímico por excelência, caminha para uma desmetaforização na linguagem e pode ser facilmente encontrado em sua poesia mais tardia, embora já esteja em seus trabalhos mais antigos. Esse segundo movimento coincide com seu suicídio e mostra o ponto de indizibilidade que prevalece na poesia da melancolia que Plath estava produzindo nos últimos meses de sua vida.

Na construção da escrita da melancolia em Plath, evidencia-se, finalmente, sua relação singular com a linguagem para mostrar que, desdobrando-se em uma "poética do suicídio", sua poética autobiográfica buscou traduzir, da única maneira que lhe foi possível, a dolorosa língua da melancolia.

NOTAS

1. Cf. depoimento de Plath feito em outubro de 1962 e transcrito in Orr, Peter. "Sylvia Plath". *The poet speaks*. London: Routledge & Kegan Paul, 1967, p. 167-172.
2. A expressão aparece no poema "Purdah", escrito em outubro de 1962.

ABSTRACT:

To question the idea of a supposed therapeutic function in literary writing, and to propose the idea of a toxicity in writing, this paper examines the presence and effects of destructive aspects in what is here described as a "poetics of suicide" in Sylvia Plath's literature.

KEY WORDS: *literature, psychoanalysis, writing, suicide, Sylvia Plath*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Deleuze, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 43, 1997.
- Duras, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Freud, S. "Luto e melancolia". In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 271-291. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18)
- Lacan, Jacques. *O seminário livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- Plath, Sylvia. *The collected poems*. London: Faber & Faber, 1981.
- _____. *The journals of Sylvia Plath*. Ed. Frances McCullough and Ted Hughes. 9. ed. New York: Random House/Ballantine, 1992.